

{ TRAFARIA PRAIA }

.....

PORTUGAL: UM OLHAR,
DE RELANCE, SOBRE
UMA LONGA HISTÓRIA

Onésimo Teotónio Almeida

.....

PORTUGAL, QUE GOSTA DE SE VER COMO “JARDIM DA EUROPA À BEIRA-MAR PLANTADO” (NOS VERSOS DO POETA TOMÁS RIBEIRO), VIVE NA IMPRESSÃO DE A EUROPA O SENTIR COMO À BEIRA-MAR ESQUECIDO. NA VERDADE, PORTUGAL É UM PAÍS QUE, CURIOSAMENTE, AINDA CARECE DE APRESENTAÇÃO, QUANDO HÁ 800 ANOS QUE TEM UMA CONSCIÊNCIA EXTREMAMENTE CLARA DE SI E HÁ MAIS DE 600 ANOS QUE MANTÉM, SENSIVELMENTE, A MESMA FRONTEIRA, FACTO ÚNICO NA EUROPA. E, MESMO NO CÔMPUTO UNIVERSAL, CREIO QUE APENAS O JAPÃO BATE PORTUGAL NESSE DOMÍNIO, PORQUE ALI, NO PACIFICO, É O MAR QUE O RECORTA E DEFENDE.

Contra as regras da geografia, Portugal conseguiu abrigar-se, independente, no canto ocidental da Ibéria, um feito nem ao alcance da Catalunha. Nenhum historiador consegue explicar essa teimosia, sobretudo quando se diz dos portugueses terem, como marca da sua personalidade colectiva, brandos e suaves costumes. Ao longo dos séculos, tocar-se-lhes nessa tecla da identidade fez-lhes sempre esquecer, de imediato, toda a suavidade e brandura, e só as armas falaram no diálogo que lhes garantiu a sua tão prezada independência. Caso para lembrar Pascal e as suas razões do coração que a inteligência não entende. São heranças de longe que em Portugal muito pesam. É que os mil quilómetros de orla marítima cravejada de praias, que a publicidade turística apregoa, acalentam essa imagem de leveza de vida ao sabor das ondas e banhos de sol.

Todavia, é outro o real do imaginário português. E com compreensível razão. Ainda é um mistério para os historiadores o facto de um país tão pequeno ter iniciado a expansão da Europa para fora das suas fronteiras quando, no século XV, os seus marinheiros se lançaram ao Atlântico em busca de novas terras e mares. Primeiro, foram ganhando experiência ao longo da costa de África e entusiasmando-se com as descobertas de ilhas sempre que se afastavam de *terra firma*. Depois, foi a pressão europeia para se procurar outra rota para o comércio das especiarias, já que, com a queda de Constantinopla, aos cristãos ficava bem mais difícil o trajecto terrestre para Oriente. A vontade de encontrar saída acabou levando-os à Índia, retirando a lugares como Veneza o papel central que até então desempenhavam nessa actividade mercantil.

Foram anos de algo louca euforia esses em que os navegadores portugueses se lançaram para os quatro pontos cardeais do planeta até à China e ao Japão, à Terra Nova e ao Brasil, e deram a volta ao globo pela primeira vez. Foi um século de pioneirismo na história mundial que ainda hoje alimenta o imaginário português, por mais esforços que se faça no sentido de canalizar as atenções do país em direcção ao futuro. Luís Vaz de Camões, o grande poeta da Renascença que celebrou essa epopeia, continua a ser o emblema nacional. Fernando Pessoa, outro grande poeta, um modernista da primeira metade do século XX, bem que tentou criar uma outra epopeia projectada no futuro, um “Portugal-a-haver”, mas a “tirania do passado” resistiu e resiste por ser ainda docemente sentida e sustentada.

Também ninguém consegue explicar capazmente a estranha quebra ocorrida após essas décadas de esforço titânico. O historiador George Winius sugere como causa o facto de Portugal se ter espalhado, demasiadamente, em rotas muito ténues, pois não possuía gente bastante para enviar para todos os sítios aonde chegavam os seus marinheiros, ficando assim limitado a uma rede de pontos dispersos, apenas ligados por viagens de barco. Alguns deles dissolveram-se nas culturas locais, outros miscigenaram-se e cresceram, como o Brasil e Angola. E – de novo, outro mistério – essa rede global que se estendia até à China (Macau) durou mais que nenhum outro império, caindo apenas quando, por fim, os ventos da história, já na segunda metade do século XX, sopraram forte e frontalmente a desfavor.

De tudo isso, porém, ficou dispersa uma língua implantada em enclaves (um deles do tamanho de metade de um continente, como é o Brasil), a que se aliaram tantos outros formados por aqueles portugueses que, nos séculos posteriores à aventura global de quinhentos, emigraram para esses e outros pontos do globo: Estados Unidos da América, vários países da América do Sul, Canadá, Austrália e África do Sul. À procura de um termo que nomeasse essa rede de espaços lusófonos (*luso* é adjectivo derivado do primeiro nome de Portugal, Lusitânia), inventaram o de *lusofonia*, que não consegue acordo porque traz

ainda a marca etimológica (e ideológica) da matriz europeia bem vincada em si. E, hoje, o Brasil (e mesmo Angola), ao medirem forças com a ex-metrópole, sentem-na um tanto longínqua. É algo volátil, mas insistente e persistente, essa ideia de que a língua une, porque ela, afinal, apenas reflecte algo de mais fundo – a cultura comum que a gerou. E as afinidades culturais estão à vista.

A rede a que se referia Winius mantém-se ainda hoje, acrescida das que séculos de emigração também criaram, transformando o espaço lusófono em algo que, praticamente, transcende a geografia. Trata-se, em grande parte, de um universo de memórias e afectos que se manifestam em todas as suas facetas, incluindo as marcas negativas deixadas pelos erros do império e da colonização. As pretensas superioridades europeias e raciais deixaram cicatrizes visíveis que o espírito do nosso tempo aviva. E, no entanto, é ver por esse globo fora a circulação nesses estreitos caminhos como filas de formigas que se cruzam, inevitavelmente, porque seguem rotas há muito traçadas. Existe o receio de tudo isso não passar de uma tentativa portuguesa de, indirectamente, recuperar a hegemonia perdida (e há quem interprete à letra ditos de Fernando Pessoa como “A minha pátria é a língua portuguesa”, ou o seu afã de criar o mito de um novo império, o da língua).

A verdade, porém, é que existem no passado sinais particulares que atenuam qualquer visão neo-imperialista por parte do antigo colonizador. Que outro país aceitou mudar a capital do império para uma colónia, como fez Portugal quando o rei levou a corte para o Rio de Janeiro, no Brasil, a fim de fugir às tropas invasoras de Napoleão? O exemplo foi utilizado, até, por quem sugeriu a ideia de se transferir a capital portuguesa para Luanda, em Angola. Tal ocorreu já na segunda metade do século XX, quando os últimos chefes do império (António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano) teimavam em não abrir mão dele. O mais estranho de todo este cenário é a ausência, de facto, de um projecto económico-político de hegemonia. Quando apertados a sério com perguntas sobre as razões da sua persistência em considerarem tão importante a manutenção dos intercâmbios lusófonos, os portugueses acabam admitindo que se trata, sobretudo, de ligações de afecto que só uma língua partilhada permite. “Racionalização ideológica!”, reagem os mais politizados à esquerda. Mas nem estes escapam a funcionar no mesmo comprimido de onda quando falam a partir do estrangeiro. E tudo isto só complexifica o mistério.

Os 400 anos que se seguiram à aventura marítima de Quinhentos tiveram o seu termo em 1974, mais precisamente a seguir ao movimento revolucionário iniciado no dia 25 de Abril de 1974. Era impossível prolongar uma luta inglória contra os ventos da história. De repente, os próprios jovens militares, que eram forçados a actuar, em África, na teimosa defesa do caduco império, transformaram-se em líderes de uma revolução até ali

nunca vista. O império desmoronou-se de um momento para o outro e, em vez de flores de funeral, houve no país inteiro uma empolgante festa de cravos vermelhos a celebrar a liberdade e o futuro. Portugal ficou, de súbito, nas mãos dos seus jovens. E foi um delírio colectivo, uma utopia inesperadamente semeada no tal jardim plantado à beira-mar.

Um escritor contemporâneo, Almeida Faria, escreveu um romance intitulado *Lusitânia* em forma epistolar. Um português que, no início do romance, se encontra, por sinal, em Veneza, troca correspondência com familiares em Portugal. Entretanto, uma carta de Portugal, datada de 25 de Abril de 1974, dá-lhe notícia da morte do pai. Para qualquer leitor não conhecedor da história de Portugal, esse pormenor da data da famosa revolução dos cravos nada significará. No entanto, ele é, afinal, a chave do romance. Sem a menor alusão aos acontecimentos políticos daquele dia, essa carta apenas anuncia um evento pessoal, a morte do pai. Não é preciso ser adepto de Freud para se perceber a metonímia.

Um país de 800 anos perdeu, subitamente, o pai e parecia que todo o seu passado, naquele instante, se enterrava ali. 400 anos de costas voltadas para a Europa e de desbragadas aventuras pelos “Brasis”, “Índias” e “Chinas” terminavam abruptamente. E isso com um imenso desejo de se voltar a casa, esquecer os séculos acontecidos, reorganizar a vida e procurar alguma forma de reintegração na moderna Europa. A princípio, o entusiasmo era com a Europa então dita socialista, mas cedo os jovens perceberam – ou não perceberam, mas os poderes exteriores fizeram-lhes saber – que poderiam entreter-se a destruir o passado. Ficassem, porém, quietos em relação ao futuro porque, ou alinhavam com os vizinhos europeus do Norte e do Centro, ou voltariam a achar-se, mais uma vez, “orgulhosamente só”, como o seu antigo líder, Salazar, pretendia. Só que agora a tocar noutra banda.

Foram anos duros de luta e a alusão do romancista a Freud pode aqui ser prolongada. Tratou-se de um renhido combate entre o princípio do prazer e o da realidade, tendo esta vencido, como costuma acontecer na história não ficcional. Portugal reentrou na Europa. Mas fê-lo aos solavancos porque, de novo, o peso tirânico do passado se fez sentir, que ele não se evapora assim tão rapidamente como a geração da revolução de 25 de Abril de 1974 supôs. Aliás, hoje, ela continua à frente dos destinos do país e tem bem consciência de que passou, há muito, o tempo em que marcámos rumos e apontámos futuros.

Muitos resignaram-se a aceitar que sejam agora outros a abrir caminho, cabendo-nos apenas gozar uma pacata aposentação engrossando as tropas dos que, tendo embandeirado em arco com a aliança europeia, hoje lamentam esse casamento apressado. Como de novo Pessoa, hoje imensamente mais citado que Camões, terá dito: “ir à Índia e descansar”. Deixar-se de sonhos utópicos e aceitar o seu lugar geopolítico como destino, apren-

dendo a usufruir da generosidade da natureza que tão amena paisagem e clima ofereceu a Portugal. Um país que é uma *petite plaisance*, como Marguerite Yourcenar chamava à sua casa na ilha de Mount Desert, no Maine norte-americano.

Mas Portugal é uma caixinha de surpresas. Tal como a sua paisagem que, num território tão exíguo, surpreende, a cada esquina, com novos ângulos, assim é a sua gente. É só esgaravatar um pouco a superfície e descobre-se uma camada jovem a mover-se num frenesi de criatividade a todos os níveis. Para quem conhece, minimamente, o país, isso não constituirá espanto. As últimas décadas revelaram um leque de notáveis nas mais diversas áreas: José Saramago (literatura), Manoel de Oliveira (cinema), Paula Rego (arte), António Damásio (ciência), Álvaro Siza (arquitetura), Emmanuel Nunes (música), entre outros.

Na verdade, esta geração está a reproduzir-se e parece não existir um único ramo das realizações humanas – das artes e letras às ciências e tecnologias – que, dia sim, dia sim, não produza notícias de mais um ou uma jovem galardoado internacionalmente, de outro membro de uma equipa descobridora de um dado científico, de uma nova voz, de outra mão hábil que pintou algo inesperado ou de um invento com grandes possibilidades de comercialização. Até no fado, a tradicionalíssima marca da música nacional, não param de surgir nomes e caras a transformarem-no e a tornarem essa expressão musical, desde sempre tão presa aos bairros e às vielas da velha Lisboa, em algo que no Japão ou em Nova Iorque se ouve e se aprecia por retinir uma corda da sensibilidade humana, universal.

Têm sido anos duros, estes últimos. Os fadistas de espírito, aqueles que facilmente aceitam o fado que a história parece ter-nos reservado, apontam até para o tempo meteorológico que este ano nos coube. Trata-se de um inverno sem fim, de onde parece nunca mais nascer Abril, a confirmar a inutilidade de se lutar contra o tempo histórico. Como se até a famosa canção *Avril au Portugal*, durante décadas bandeira do país no estrangeiro, deixasse hoje de fazer sentido.

Mas, de novo, importa um olhar atento para essa nova geração de artistas, inventores, criadores em toda a linha, até no desporto. Seja os que teimam em ficar no país, seja os que se aproveitam das velhas rotas para voltar ao mundo que os nossos antepassados abriram, seja ainda os que se aventuram por rotas ainda não batidas, todos eles são mais uma manifestação dessa estranha vitalidade que, teimosamente, resiste aos séculos, mantém a sua personalidade indissolúvel na Ibéria e faz questão de se afirmar, lembrando-nos que 800 anos de história não se compadecem com modas. Que podem deixar-se ir na onda, convidar outros a virem surfar nas ondas portuguesas, mas que são, ainda, capazes de fazer ondas também.